Abertura

Uma nova revista, ao nascer, suscita sempre a curiosidade: abre uma senda, afirma aspirações e testemunha uma lacuna. Logo abrigará discussões e se tornará um desafio.

Houve muitos periódicos musicais no Brasil (o Grover's recensou 29), mas há profunda carência no que se refere a revistas especialmente consagradas à musicologia. Se eu me sinto muito feliz ao saudar a aparição de uma revista especializada, é pelo fato de que esta disciplina tem necessidade de renovação, de sangue novo, e que o Brasil me parece muito bem colocado para submetê-la a questionamentos.

A musicologia ocidental acumula dados, sem muito se preocupar para onde caminha, não tendo ainda começado a estabelecer um diálogo com a etnomusicologia. A coabitação de tradições históricas com um repertório popular muito vivo merece a evidência de análises em profundidade, com o recuo necessário para lhes dar bases científicas. Assim como velhos debates, este precisa ser repensado à luz das perspectivas atuais.

As revistas mais úteis são aquelas que refletem com o máximo de autenticidade as tendências próprias a seus países, que se mantêm próximas de suas verdadeiras raízes. Igualmente, pode-se auspiciar, em primeiro lugar, que essa nova revista nos forneça informações sobre as atividades universitárias do país, assim como a respeito das bibliografias críticas, e que esteja aberta tanto em direção à análise, quanto à sociologia, preferencialmente a buscar descobrir a verdadeira ideologia do Ring, ou então trabalhar uma vez mais a origem da forma Sonata.

Espera-se um recenseamento exaustivo das obras que subsistem desde a época colonial, situando a natureza de suas escrituras; dispor de estudos aprofundados concernentes às atividades dos concertos no século 19; verificar as influências que foram exercidas no desenvolvimento do ensino, formação de um público e as premissas de uma crítica musical específica. Para quais escolas estrangeiras, mais precisamente, os jovens compositores brasileiros se dirigiram entre 1900 e 1920? As questões são numerosas, necessitando mais acentuadamente de pesquisas em arquivos locais, correspondência existente e as informações da imprensa da época.

Sem dúvida, já existiram muitos trabalhos que trazem respostas parciais a estes problemas, mas a nova revista se tornará o receptáculo, tendendo a uma metodologia mais rigorosa, voltando-se inclusive às abordagens interdisciplinares – mesmo que hesitemos em utilizar este termo pejorativamente –, enquanto que estas abordagens mesmas continuem tão pouco praticadas. E desde que a Universidade admita hoje que a criação contemporânea possa fazer parte de seus horizontes, abrirá as suas colunas aos compositores que desenvolvem reflexões sobre os seus passos pessoais, suas posições na sociedade e – por que não? – sobre aquilo que eles esperam da musicologia. Assim, a revista será o organismo de uma disciplina “engajada”.

Não é salutar restringir a musicologia a um só dos aspectos que constituem o seu território – seja ele prioritário – como aquele que perscruta a linguagem musical. Ela deverá seguir todas as sendas que conduzem a uma melhor compreensão do fenómeno musical. É somente seguindo um amplo caminho que a musicologia conservará contatos com as disciplinas “vizinhas”: história, lingüística, sociologia, etnologia, pois todas possuem uma metodologia própria, enquanto que, passado mais de um século, a nossa ainda está à procura.

Certos países latinos – sobretudo a Itália e a Espanha – conheceram nestes últimos anos um desenvolvimento rápido e admirável no que se refere aos estudos musicológicos. No século 21, ou seja, amanhã, será a vez da musicologia brasileira; e o periódico que hoje nasce poderá ser o primeiro instrumento.

François Lesure

Presidente da Société Française de Musicologie
Diretor de Estudos da École des Hautes Études
Sorbonne – Paris

Diretor do Centre de Documentation Claude Debussy
Paris

Tradução: José Eduardo Martins